

Os riscos da automedicação em tempos de Covid – 19 dentre estudantes universitários de um município localizado na Amazônia Legal

Ana Caroline Santana Joge

Centro Universitário FAEMA/Unifaema – Rondônia

Taline Canto Tristão

Centro Universitário FAEMA/Unifaema – Rondônia

Jociel Honorato de Jesus

Centro Universitário FAEMA/Unifaema – Rondônia

RESUMO

A automedicação, conforme definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), refere-se ao uso de medicamentos sem prescrição médica, baseando-se na crença de que medicamentos isentos de prescrição são seguros se utilizados conforme as instruções. No entanto, o fácil acesso a medicamentos sem orientação profissional aumenta os riscos de uso irracional, levando a efeitos indesejáveis e problemas de saúde. Isso é exacerbado pela presença de farmácias em domicílios e pela ideia de que os medicamentos são soluções para diversos problemas de saúde, amplificados pela veiculação de propagandas de medicamentos nas mídias sociais. Durante a pandemia de COVID-19, houve um aumento significativo na automedicação, influenciado pela divulgação do "kit-covid", uma combinação de medicamentos promovida como tratamento precoce, apesar da falta de evidências científicas conclusivas. Profissionais farmacêuticos desempenham um papel crucial na conscientização sobre o uso adequado de medicamentos, fornecendo orientação e garantindo a dispensação segura. A promoção da Educação em Saúde é essencial para alertar a população sobre os riscos da automedicação e promover o uso racional de medicamentos. A presente pesquisa visa relatar os riscos da automedicação durante a COVID-19, especialmente entre estudantes universitários na Amazônia Legal, com o objetivo de destacar a importância do uso responsável de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação, Pandemia de Covid-19, Educação em saúde.

1 INTRODUÇÃO

É considerado automedicação para a Organização Mundial da Saúde (OMS) em que os indivíduos, para tratar seus próprios sintomas, utilizam sem prescrição médica ou orientação farmacêutica, medicamentos aprovados e isentos de prescrição (MIPs), os quais seriam supostamente seguros desde que utilizados conforme as instruções das bulas e rótulos (DO NASCIMENTO, 2020; DA COSTA GOMES, DA SILVA e BATALHA, 2021; CARALO, COLOMBI e SILVA, 2021).

Dessa forma, a ampla disponibilidade em adquirir medicamentos e o fácil acesso aumenta a possibilidade do uso irracional, através das farmácias a população tem a ideia que os fármacos são produtos que não causam riscos, porém, se usado de forma indiscriminada os expõe a efeitos indesejáveis, que vão



aumento de acordo com o decorrer do uso elevado (DOMINGUES, 2015; FERREIRA e DE CARVALHO, 2021). Apesar dos estudos na área da saúde estar em constante avanço, ainda existe a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e a baixa qualidade do atendimento, tanto no setor público quanto no privado.

Com isso, une-se os aspectos da veiculação de propagandas de medicamentos através das mídias sociais, a presença de farmácia nos domicílios e a certeza de que os medicamentos resolvem tudo sem precisar da instrução de um profissional, favorecendo a fatores importantes para a prática da automedicação (ARRAIS, 2016; FRANCISCA DAS CHAGAS, 2021). Durante a pandemia de COVID-19, houve um grande aumento no consumo de medicamentos no Brasil, este fato se atribui a vários motivos e um deles o fato de ter sido amplamente divulgado o nomeado “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sendo utilizado como tratamento precoce sem evidências científicas conclusivas para o uso dessa finalidade (MELO, 2021; NEDEL, ANTÔNIO e FILHO, 2021, CFF, 2021).

Com isso, foi proposto o uso de medicações já utilizadas em tratamentos de outras doenças como um possível tratamento da Covid - 19, conhecido como Kit covid, no qual continha as seguintes medicações: Azitromicina, Ivermectina, Dipirona, Hidroxicloroquina ou Cloroquina (SANTOS-PINTO et al., 2021; FURLAN e CARAMELLI, 2021). Diante do exposto, o profissional farmacêutico tem um papel importante na etapa de conscientização da população quanto ao uso correto de medicamentos. Além de atuarem em diversas áreas, como por exemplo, em farmácia hospitalares, em laboratórios de análises clínicas, nas farmácias de manipulação e drogarias, eles são os responsáveis na orientação e dispensação segura do paciente (SOTERIO, 2016; DOS SANTOS MIRANDA, MARQUES e DOS SANTOS, 2022).

Desse modo, um dos meios importantes para diminuir a automedicação é promovendo a Educação em Saúde, alertar a população sobre os riscos de fazer o uso inadequado de medicamentos sem orientação e viabilizar uma maior conscientização sobre o uso racional dos fármacos (SOTERIO e SANTOS, 2016, WIESE, LUIZ et al., 2020).

Nesse sentido a presente pesquisa objetivou relatar os riscos e as possíveis consequências da automedicação em tempos de covid – 19 dentre os estudantes universitários de um município localizado na Amazônia Legal, com intuito de abordar junto ao público alvo os cuidados relativos ao uso correto de medicamentos.

2 OBJETIVO

Identificar os riscos e as possíveis consequências da automedicação em tempos de covid – 19 dentre os estudantes universitários de um município localizado na Amazônia Legal.



3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo empregou uma pesquisa de campo descritiva com abordagem quantitativa, utilizando como método o levantamento de survey. Objetivou – se a relatar os riscos e as possíveis consequências da automedicação em tempos de covid – 19, com o intuito de evidenciar o problema e contribuir para possíveis avanços no contexto da temática abordada.

3.2 CAMPO DE PESQUISA

A realizada pesquisa foi em uma Instituição privada de Ensino Superior, denominada Centro Universitário FAEMA/UNIFAEMA, que oferece 21 cursos de graduação e fica localizada no município de Ariquemes, no estado de Rondônia, na região do Vale do Jamari, no norte do Brasil. O norte do país possui 5.217.423 km², que corresponde a 61% do território brasileiro; na qual engloba todos os estados da região norte (BRASIL, 2014). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região norte do Brasil é a segunda em concentração de pobreza (26,1%), logo após a região nordeste (47,9%) (BRASIL, 2020).

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A obtenção de dados ocorreu através de um questionário quantitativo (APÊNDICE I). O questionário foi desenvolvido pela autora do presente trabalho, utilizando-se da literatura científica para construção das perguntas que serão da categoria de resposta única, e que contempla uma fase de pré-teste a ser realizada antes da aplicação, fazendo-se os direcionamentos que forem necessários e devidamente apresentados no relatório de pesquisa.

Para a realização do presente estudo, os estudantes foram convidados a participar do estudo pela pesquisadora que estará devidamente identificada, a pesquisa foi apresentada com os esclarecimentos de todas as dúvidas caso houver. Foi submetido o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), e posteriormente o questionário, com duração prevista de 10-15 minutos. Os estudantes universitários participaram da pesquisa, de forma voluntária e responderam ao questionário que será aplicado no formato on-line pelo Google Forms, onde foi encaminhado o link de acesso via e-mail. Todas as etapas foram executadas após parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário FAEMA/UNIFAEMA.

Após a aplicação dos questionários, houve a análise de dados, que será feita por meio de estatística descritiva no Software Microsoft Excel, utilizando-se do teste Qui-quadrado para estabelecer relações entre as variáveis.



3.4 POPULAÇÃO

O público-alvo da pesquisa consistiu em 140 estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação do Centro Universitário FAEMA/UNIFAEMA, no semestre de 2022.1.

3.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Em relação aos critérios de inclusão, foram contemplados:

- Estudante que possui maioridade;
- Estar regularmente matriculado nos cursos do Centro Universitário FAEMA/UNIFAEMA no semestre 2022.1.

O universitário que expresse seu aceite em participar da pesquisa assinando o TCLE. Foram excluídos da pesquisa:

- Os entrevistados que não estão na faixa etária pretendida;
- Aquele que se recusar em assinar TCLE;
- Desistência de responder o questionário.

3.6 DESCRITORES DE SAÚDE

Consequências da Automedicação. Uso racional de medicamento. Reações Adversas. 4.7

3.7 GARANTIAS ÉTICAS

O sigilo da pesquisa será resguardado baseando-se nos princípios da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados). Além disso, cada participante terá total liberdade para recusar-se a responder o questionário de pesquisa, tendo a máxima garantia ética preconizada pela Resolução 466/12/CNS.

3.8 RISCOS

O estudo pretendido caracterizou-se por riscos mínimos aos envolvidos, representado por eventual desconforto ao responder o questionário, ou ainda o tempo demandado para a realização da tal atividade.

3.9 BENEFÍCIOS

Possibilitou dados referentes à importância do conhecimento sobre o descarte inadequado de medicamentos, tendo em vista a falta de informações e providências a respeito;



Fornecer ao público alvo pretendido as informações necessárias para que saiba identificar suas realidades, compreender os riscos de descarte inadequado de medicamentos para a saúde e o meio ambiente, além das formas de transformarem suas atitudes para as próximas gerações.

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19 NO BRASIL

A automedicação pode ser vista como uma solução para o alívio imediato, mas quando utilizada de forma incorreta, como o uso abusivo de medicamentos, pode ter como consequências o uso irracional de medicamentos, efeitos indesejáveis e mascaramento de outras patologias (MELO, 2021, FERREIRA e RIBEIRO, 2020, JUNIOR, DE OLIVEIRA e AMORIM, 2022).

Com o aumento no número de casos de COVID – 19 no Brasil, ocorreu uma grande procura nas farmácias por vários medicamentos com o intuito de prevenir ou tratar a COVID - 19, através de uma prática conhecida como automedicação. No primeiro semestre de 2020 observou-se um aumento no número de buscas online sobre automedicação (ONCHONGA, 2020).

Foi observado durante a pandemia um aumento de acesso e de dados publicados nas redes sociais, o que originou uma infodemia, termo adotado pela OMS que se refere ao aumento do volume de informações sobre a um assunto específico e que acaba por se multiplicar rapidamente em um curto espaço de tempo devido a algum evento específico (DA ROCHA PITTA, 2021).

O uso de medicamentos para outras patologias com comprovação clínica, utilizados de forma inequívoca por pacientes que apresentam sintomas do Sars-CoV-2, poderá trazer altos riscos à saúde da população. Além de fazer com que os medicamentos possam faltar para os pacientes que utilizam para doença crônica, baseada em protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas (SILVA, 2020).

4.1.1 Principais classes farmacológicas mais utilizadas na automedicação

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) existe a automedicação responsável, que está relacionada aos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs). Estes medicamentos são aprovados pelas autoridades sanitárias para tratar menores gravidades e sintomas e são encontrados em drogarias. A aquisição pode ser feita sem prescrição médica, porém é de suma importância que os mesmos sejam utilizados conforme as orientações do farmacêutico (AMORIM FILHO, 2022).

A facilidade e a disponibilidade aos (MIPs) elevam o índice de automedicação, pois, são indicados para patologias de alta incidência, porém de gravidade baixa e sem a exigência da prescrição médica, entretanto apesar de serem comprovados como seguros e eficazes se utilizados de maneira incorreta podem ocasionar riscos à saúde (PASSOS, 2020).



Os medicamentos de maior uso pela população brasileira são: Anticoncepcionais, Analgésicos, Descongestionantes nasais, Anti-inflamatórios, Antiácidos, Antigripais, Laxantes, Antieméticos e alguns antibióticos, adquiridos no balcão da farmácia sem nenhuma dificuldade (OLIVEIRA, 2020).

4.2 CUIDADOS RELATIVOS AO USO CORRETO DE MEDICAMENTOS

A adesão terapêutica, bem como a efetividade e a segurança dos medicamentos dependem de uma boa compreensão do paciente sobre a sua farmacoterapia. Nos dias atuais, um dos maiores problemas de saúde é o uso incorreto de medicamentos com as inerentes consequências ao usuário. Nos diversos cenários de atuação, como em serviços de dispensação, educação em saúde, seguimento farmacoterapêutico, gestão da condição de saúde e conciliação medicamentosa, o farmacêutico é protagonista na garantia do uso seguro de medicamentos (SILVA, 2015).

De acordo com Álvares (2017), a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, regulamentada pela Resolução nº 338 de 06 de maio de 2004, a atividade multidisciplinar “Assistência Farmacêutica” (AF) tem como objetivo de promover o acesso e o uso racional de medicamentos essenciais à população, promoção, proteção e recuperação da saúde, tanto individual como coletivo. Este conjunto envolve a pesquisa, o desenvolvimento e a produção de medicamentos e insumos, a sua seleção, programação, aquisição, distribuição, dispensação, garantia da qualidade dos produtos e serviços, acompanhamento e avaliação de sua utilização.

Para minimizar a automedicação de forma indiscriminada, é de grande importância promover educação em saúde, por meio dessa técnica, o conhecimento produzido na área da saúde, é transmitido pelos profissionais às pessoas comuns, atingindo, seu cotidiano, para a adoção de novos hábitos e condutas que promovem o bem-estar e qualidade de vida. Essas iniciativas são extremamente importantes, visto que o aumento dos riscos de intoxicação por automedicação, resulta em um grave problema de Saúde Pública (SOTEIRO, 2016).

Transmitir orientações de forma apropriada propicia ao usuário o desenvolvimento de autonomia e de responsabilidade pelas decisões diárias que envolvem a sua terapia medicamentosa, como o uso correto e a efetiva adesão à terapia. Além da comunicação verbal e escrita, os profissionais de saúde podem usar ferramentas didáticas, como imagens e símbolos, para promover um entendimento eficaz sobre o uso dos medicamentos (GALATO et al. 2006).

A partir da Atenção Farmacêutica o profissional busca a melhora da qualidade de vida dos pacientes através da prática centralizada nesse indivíduo e nos cuidados que devem ser aplicados em relação aos medicamentos. Com isso, a atenção farmacêutica quando realizada de maneira eficiente, torna o farmacêutico capaz de ampliar o sucesso do tratamento e reduzir os efeitos indesejáveis. Os cuidados



englobam desde a seleção do medicamento até a devida orientação do mesmo, especificando a posologia correta, a via de administração utilizada e o acompanhamento farmacoterapêutico (DE OLIVEIRA, 2021).

4.3 A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NA DISPENSAÇÃO E CONTROLE DE MEDICAMENTOS

Entre uma das funções do farmacêutico está na prevenção do uso inadequado de medicamentos, avaliar prescrição quando houver erros e interações medicamentosas, realizar assistências através das ações quanto ao modo correto de uso dos medicamentos em geral, alertando sobre a importância de se administrar o medicamento no horário certo e armazenar em local correto (ALMEIDA et.al, 2020).

O trabalho da atenção farmacêutica junto ao paciente no momento da dispensação do medicamento é de grande relevância, pois ocorre a identificação da necessidade dos usuários, de maneira individualizada, sendo de forma eficaz, segura e adequada. O farmacêutico irá orientar o paciente sobre como usar o medicamento, a dose correta, o tempo de tratamento, riscos e benefícios, ou dependendo do caso sendo orientados a procurar uma unidade de saúde (CAMPOS, 2019).

Sabe-se que o farmacêutico por se tratar de um profissional que é diretamente responsável pelo medicamento, torna-se também um dos responsáveis junto com os demais profissionais de saúde para uma melhor adesão terapêutica medicamentosa do paciente, pois, através da integralidade do cuidado pode-se alcançar uma melhora da saúde dos pacientes. Suas ações dentro deste contexto são indispensáveis, principalmente no que diz respeito ao aconselhamento sobre o uso correto dos medicamentos (ARAÚJO e DE CASTRO FREITAS, 2022).

4.4 OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO PARA A SAÚDE

A automedicação é uma realidade muito frequente em diversas faixas etárias, bem como em culturas diferentes em que o indivíduo seleciona e escolhe certos medicamentos a fim de tratar um determinado problema de saúde. Essa prática é considerada inapropriada podendo causar riscos à saúde como reações adversas e também interações medicamentosas (GAMA e SECOLI, 2017).

A população aderiu a automedicação (ATM) por ser uma prática no qual se procura um alívio rápido de sintomas, entretanto, quando realizada de forma incorreta pode mascarar graves doenças, provocar intoxicação e em casos mais graves pode levar a morte. É uma das grandes preocupações para a OMS é a resistência bacteriana causada pela automedicação de antibióticos de forma indiscriminada (DOMINGUES, 2017).

O ato de se automedicar está associado a diversos riscos, como interações medicamentosas, resistência a medicamentos, reações adversas a medicamentos, crescimento da polifarmácia, e dependência medicamentosa de alguns fármacos por serem de fácil acesso, tornam-se os principais causadores de



intoxicações que são consideradas uma grave adversidade devido ao consumo irregular, assim, promovendo óbitos e internações hospitalares (TEIXEIRA, 2022).

O profissional farmacêutico é visto como um profissional de saúde de fácil acesso e a sua atuação pode contribuir para a melhoria da população, visto que a automedicação é uma conduta bastante comum Brasil. Tem como parâmetro para suas ações a busca pela saúde do paciente através de suas orientações e indicações medicamentosas. Para tal, a atenção farmacêutica vem de encontro com este objetivo (PIMENTEL e ANDRADE, 2022).

De acordo com a Comissão Federal de Farmácia, os serviços farmacêuticos podem direcionar medicamentos (adquirir, receber, armazenar, armazenamento, preservação, garantia de qualidade, etc.) e pacientes (cuidados produtos farmacêuticos, dispensação de medicamentos, monitoramento de terapia medicamentosa, testes e notificação de reações adversas a medicamentos, educação em saúde, etc.) (FARIAS, 2022).

As resoluções Nº 585 DE 29 DE AGOSTO DE 2013 e Nº 586 DE 29 DE AGOSTO DE 2013 são importantes para o profissional farmacêutico, pois através da RESOLUÇÃO Nº 585 DE 29 DE AGOSTO DE 2013, regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico que, constituem os direitos e responsabilidades desse profissional no que concerne a sua área de atuação. As atividades correspondem às ações do processo de trabalho os diferentes serviços clínicos farmacêuticos, por exemplo, o acompanhamento farmacoterapêutico, a conciliação terapêutica ou a revisão da farmacoterapia caracterizam – se por um conjunto de atividades específicas de natureza técnica.

E a RESOLUÇÃO Nº 586 DE 29 DE AGOSTO DE 2013, dispõe sobre boas práticas farmacêuticas para o controle sanitário do funcionamento, da dispensação e da comercialização de produtos e da prestação de serviços farmacêuticos em farmácias e drogarias e dá outras providências. Os farmacêuticos tiveram uma grande importância e agiram prontamente ao início da pandemia de Coronavírus, ao elaborar um formulário descrevendo os medicamentos de emergência, realizando o monitoramento e resolvendo os casos de escassez, além de estabelecer serviços remotos de farmácia, prevenindo assim a transmissão direta da infecção (LIU et al., 2020).

Tanto os farmacêuticos comunitários quanto os clínicos devem estar atualizados em relação às pesquisas sobre o tratamento contra o Coronavírus, familiarizando - se com os medicamentos que são utilizados nos pacientes. Esses profissionais precisam ter conhecimento de informações como a dosagem, interação medicamentosa, efeitos adversos e a farmacocinética dos medicamentos (ALQUTEIMAT e AMER, 2021). Na pandemia da Covid-19 as notícias falsas sobre os medicamentos que curavam iam surgindo.

Desse modo, o farmacêutico tinha que se posicionar, intervindo de maneira que não comprometesse os protocolos ou a indicação dos tratamentos. Mesmo com dificuldades esse profissional não deixou de

exercer a profissão, de se dedicar ainda mais, dando apoio a equipe de saúde, mesmo correndo o risco de se contaminar, ajudou com a autonomia que tem sobre os medicamentos, orientando a sociedade que se automedicava de forma a comprometer a saúde com os efeitos adversos das medicações, mesmo com falta de evidências de que tais medicamentos eram eficazes (CANESCHI et al., 2021).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pesquisa realizada foi obtido a resposta de 140 universitários, no período de março a julho de 2022.

5.1 PERFIL DOS INDIVÍDUOS ENTREVISTADOS:

Tabela 1 - Dados que identifica idade, sexo, estado civil e a quantidade de pessoas que moram com os entrevistados

| Idade | Nº pesquisados | % |
|--|-----------------------|----------|
| 17 – 20 Anos | 60 | 42,6% |
| 21 – 30 Anos | 53 | 37,9% |
| 31 – 40 Anos | 25 | 18,3% |
| 41 ou mais | 2 | 1,2% |
| Sexo | Nº pesquisados | % |
| Feminino | 109 | 77,9% |
| Masculino | 31 | 22,9% |
| Outros | 0 | 0% |
| Estado civil | Nº pesquisados | % |
| Solteiro (a) | 96 | 68,6% |
| Casado (a) | 30 | 21,4% |
| União estável | 12 | 8,6% |
| Divorciado (a) | 2 | 1,4% |
| Viúvo (a) | 1 | 0,7% |
| Quantas pessoas moram em seu domicílio? | Nº Pesquisados | % |
| 01 – 02 pessoas | 43 | 30,7% |
| 03 – 04 pessoas | 71 | 50,6% |
| 05 – 06 pessoas | 18 | 12,8% |
| Mais que 06 pessoas | 8 | 6% |

Fonte: Autores (2022)

Através da pesquisa foi possível avaliar que o maior resultado foi do sexo feminino (77,9%) e em seguida do sexo masculino (22,9%). Costa (2022)¹, apontou que o resultado de sua pesquisa avaliou que a maioria dos participantes foi composto por mulheres com (61,9%), enquanto os homens representaram 38,1% do total.

As idades variam de 17 anos há 57 anos, com o maior número de 17 anos a 20 anos (42,6%), em seguida de 21 anos a 30 anos (37,9%), 31 anos a 40 anos (18,3%) e acima de 41 ou mais (1,2%).

Referente ao estado civil os maiores números de participantes foram solteiros (68,6%), em seguida casados (21,4%), união estável (8,6%), divorciados (1,4%) e viúvos (0,7%).

A quantidade de pessoas em que reside com o entrevistado varia de um (01) há oito (08) pessoas. Sendo o maior percentual de pessoas que reside com o entrevistado foi 03 a 04 pessoas (50,6%), seguida de 01 a 02 pessoas (30,7%), de 05 a 06 pessoas (12,8%) e mais que 06 pessoas (6%).

Alves (2022), encontrou resultados aproximados em relação à faixa etária dos estudantes houve uma variação dos dados, o maior percentual está entre 19 e 26 anos, correspondendo um total de 51,5% da amostra. Em relação ao estado civil e quantidade de pessoas que residem junto aos discentes, majoritariamente 63,6% são solteiros e o número de residentes domiciliares varia entre 2 a 9 pessoas.

Tabela 2 - Identificação dos cursos de graduações dos pesquisados

| Curso de graduação | Nº pesquisados | % |
|---------------------------|-----------------------|----------|
| Enfermagem | 37 | 26,4% |
| Farmácia | 31 | 22,1% |
| Direito | 23 | 16,4% |
| Agronomia | 16 | 11,4% |
| Fisioterapia | 13 | 9,3% |
| Psicologia | 10 | 7,1% |
| Eng. Cível | 9 | 6,4% |
| Eng. Ambiental | 1 | 0,7% |
| Ed. Física | 0 | 0% |
| Pedagogia | 0 | 0% |

Fonte: Autoesa (2022)

Referentes aos cursos de graduação, o maior número cursa enfermagem (26,4%), em seguida de farmácia (22,1%), direito (16,4%), agronomia (11,4%), fisioterapia (9,3%), psicologia (7,1%), engenharia civil (6,4%) e engenharia ambiental (0,7%).

5.2 IDENTIFICAR A PORCENTAGEM DOS INDIVIUDOS QUE SE AUTOMEDICARAM DURANTE A PANDEMIA DO COVID – 19

Tabela 3 - Identificação se os entrevistados contraíram a Covid – 19

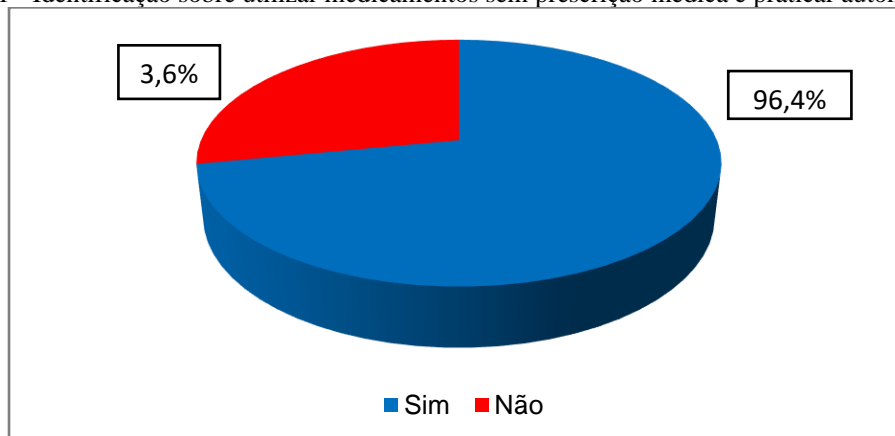
| Contraiu covid – 19? | Nº Pesquisados | % |
|---|-----------------------|----------|
| Sim | 78 | 55,7 % |
| Não | 62 | 44,3% |
| Utilizou algum medicamento durante a pandemia? | Nº Pesquisados | % |
| Sim | 78 | 55,7 % |
| Não | 62 | 44,3% |
| Os medicamentos tiveram prescrição? | Nº Pesquisados | % |
| Sim | 72 | 51,4 % |
| Não | 33 | 23,6% |
| Não respondi sim a pergunta anterior | 35 | 25% |

Fonte: Autores (2022)

De acordo com as 140 respostas da pesquisa, (55,7%) contraiu covid - 19 e (44,3%) não contraiu covid – 19. (73,6%) fez o uso de algum medicamento relacionado a covid – 19 e (26,4%) não fez o uso. E (51,4%) responderam que tiveram prescrição medica, (23,6%) utilizaram os medicamentos sem prescrição médica e (25%) não utilizou medicamento durante a pandemia.

5.3 ESTABELECECER A PORCENTAGEM DE UNIVERSITÁRIOS QUE FEZ O USO DE MEDICAÇÕES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA E O TEMPO DE USO

Figura 1 - Identificação sobre utilizar medicamentos sem prescrição médica é praticar automedicação

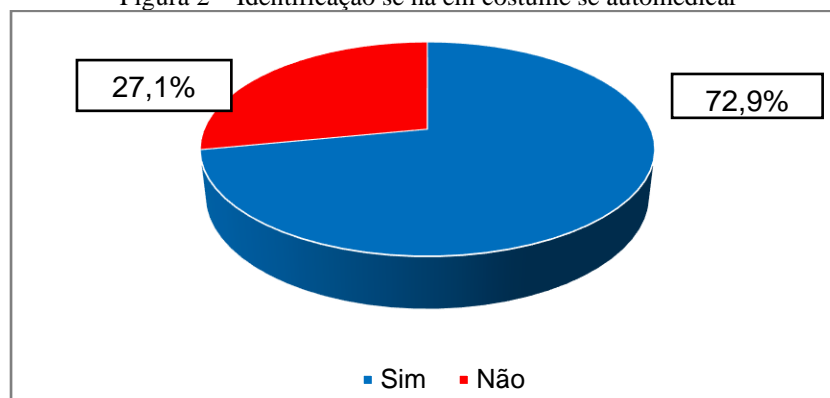


Fonte: Autora (2022)

Através das respostas obtidas dos pesquisados sobre o conhecimento da utilização de medicamentos sem prescrição médica ou orientação de um profissional habilitado, pode-se obter resultados de (3,6%) afirmando que não tinham conhecimento, e (96,4%) afirmam que conhecem sobre a prática da automedicação.

Houve um alto índice de estudantes que relatam ter conhecimento sobre os riscos da automedicação, indicando que os alunos têm confiança para fazer uso de medicamentos por conta própria (BOHOMOL e ANDRADE, 2020).

Figura 2 – Identificação se há em costume se automedicar



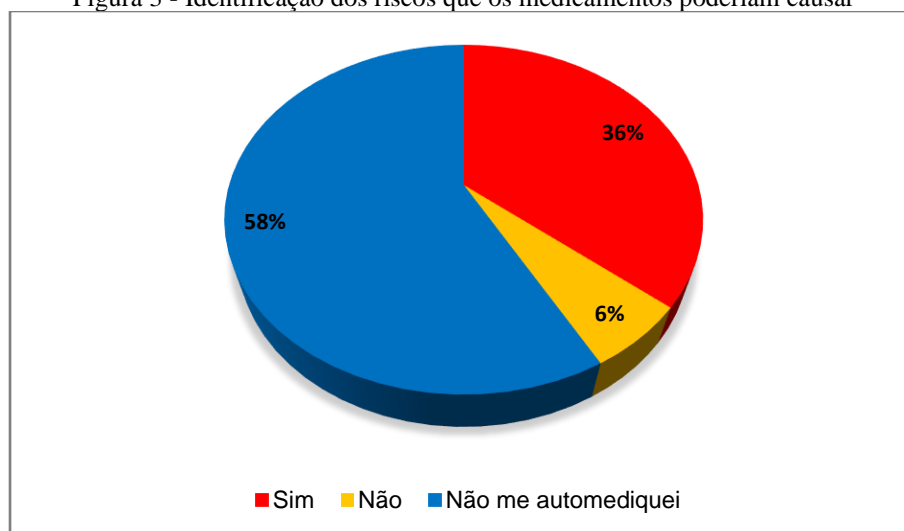
Fonte: Autores (2022)

Quando questionados sobre a prática da automedicação, os entrevistados responderam que sim, tem o costume de se automedicar (72,9%) e (27,1%) responderam que não tem o costume de se automedicar.

A ingestão de medicamentos de maneira frequente e indiscriminada é comum entre universitários brasileiros de distintos campos de formação. Essa conduta é ainda mais elevada para alunos da área da saúde que estudam de maneira aprofundada a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos nos cursos de graduação.

Os profissionais de saúde devem promover o manuseio e consumo racional de medicamentos entre a população, por isso é importante se atentar a essa prática quando ainda são estudantes para que sirvam de exemplo no uso consciente de medicamentos (ALBUQUERQUE, 2015; LOPES e DA MATA, 2017).

Figura 3 - Identificação dos riscos que os medicamentos poderiam causar

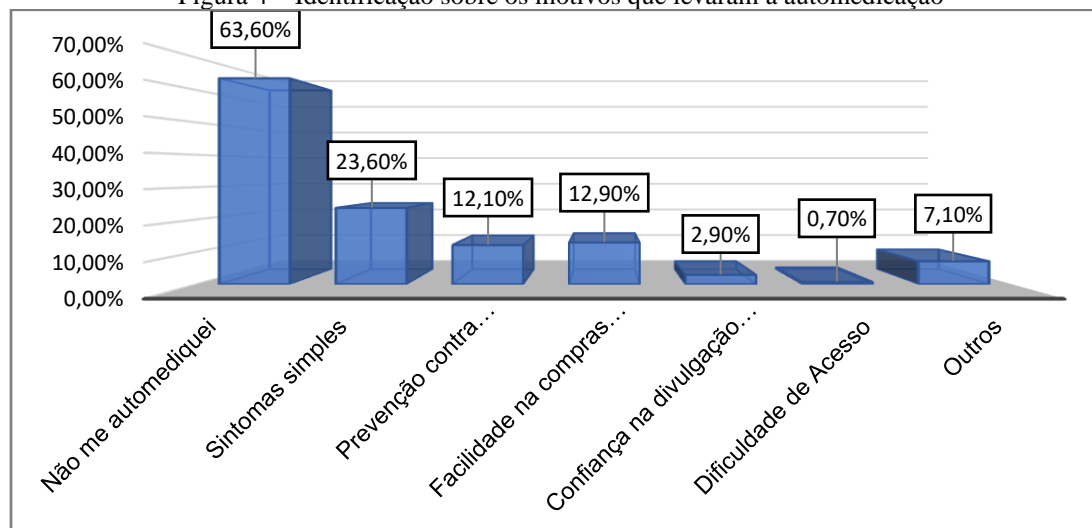


Fonte: Autores (2022)

Referente se o entrevistado tem o conhecimento dos riscos que os medicamentos com que automedicou poderiam causar (58%) respondeu que não se automedicou, (36%) respondeu que sim, tem conhecimento dos riscos e (6%) respondeu que não tem conhecimento dos riscos.

Os principais riscos acarretados pela prática da automedicação destacam – se o acúmulo indevido de fármaco no organismo, potenciais interações medicamentosas, erro na dosagem, inadequação no tempo de tratamento, efeitos adversos graves e o incorreto autodiagnóstico (GOMES, 2020).

Figura 4 – Identificação sobre os motivos que levaram a automedicação

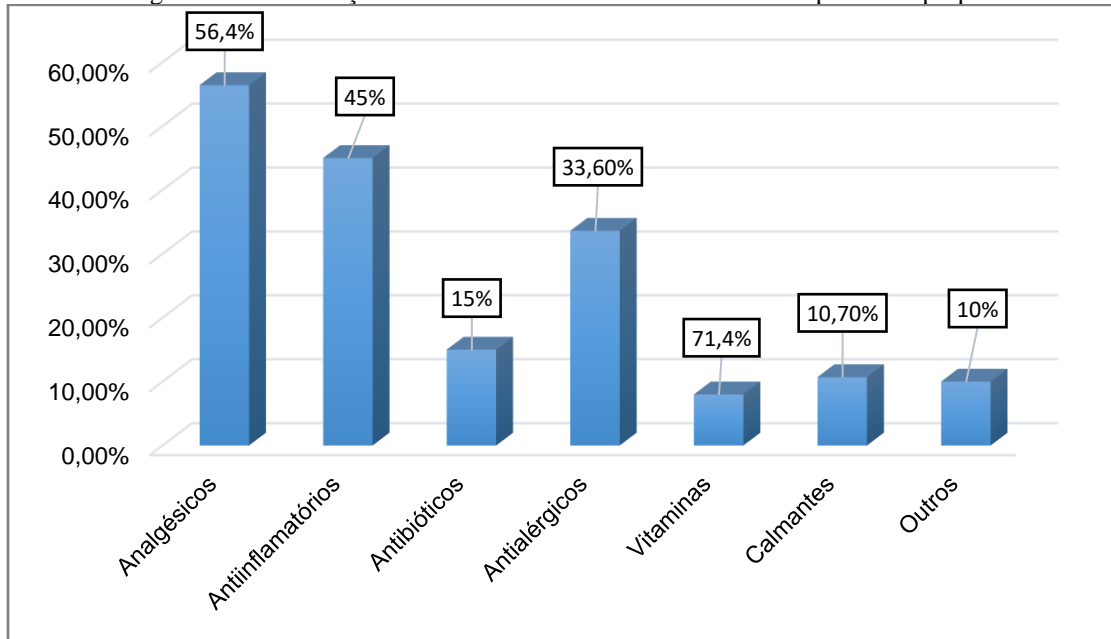


Fonte: Autores (2022)

Observando as respostas dos pesquisados sobre os motivos que justificam a automedicação no caso de confirmação ou suspeita da Covid-19 ou sintomas de síndrome gripal foi possível identificar que a (63,60%) alegaram que não se automedicaram, em seguida o motivo de sintomas simples (23,60%), (12,90%) responderam pela facilidade na compra dos medicamentos, (12,10%) foi pela prevenção contra a infecção da Covid – 19, (7,10%) disseram que foi por outros motivos, (2,90%) responderam que o motivo foi pela confiança na divulgação feita pelas mídias e (0,70%) disseram que foi pela dificuldade de acesso aos sistemas de saúde.

A dificuldade de acesso ao serviço público, vem sofrendo pela falta de médicos e medicamentos, e também grande parte da população não apresenta condições financeiras para custear um plano de saúde particular, sendo assim se torna mais viável se automedicar, causando um alerta público para a saúde da população. Essa prática tem passado de gerações em gerações, através de receitas caseiras como plantas medicinais, ou até pela opinião de amigos e familiares, entra também as mídias sociais através de propagandas que estimula o indivíduo a se automedicar (DE OLIVEIRA ALVIM e CARVALHO, 2019).

Figura 5 – Identificação das classes de medicamentos utilizados por conta própria

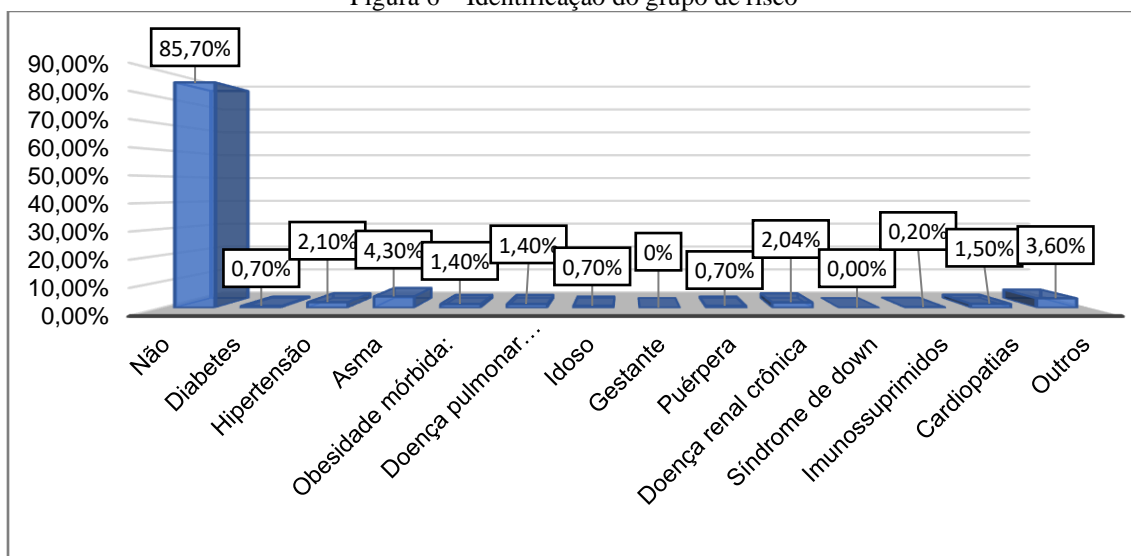


Fonte: Autores (2022)

Observou – se que as classes mais descritas pelos acadêmicos foram Vitaminas (%), seguida de Analgésicos (56,4%), Anti-inflamatórios (45%), Antialérgicos (33,6%), Antibióticos (15%), Calmantes (10,7%) e outros (10%).

Costa (2022)², afirmou que a automedicação é uma prática muito comum na sociedade brasileira, em especial por vitaminas, analgésicos, antitérmicos, descongestionantes nasais, antibióticos e entres outros.

Figura 6 – Identificação do grupo de risco



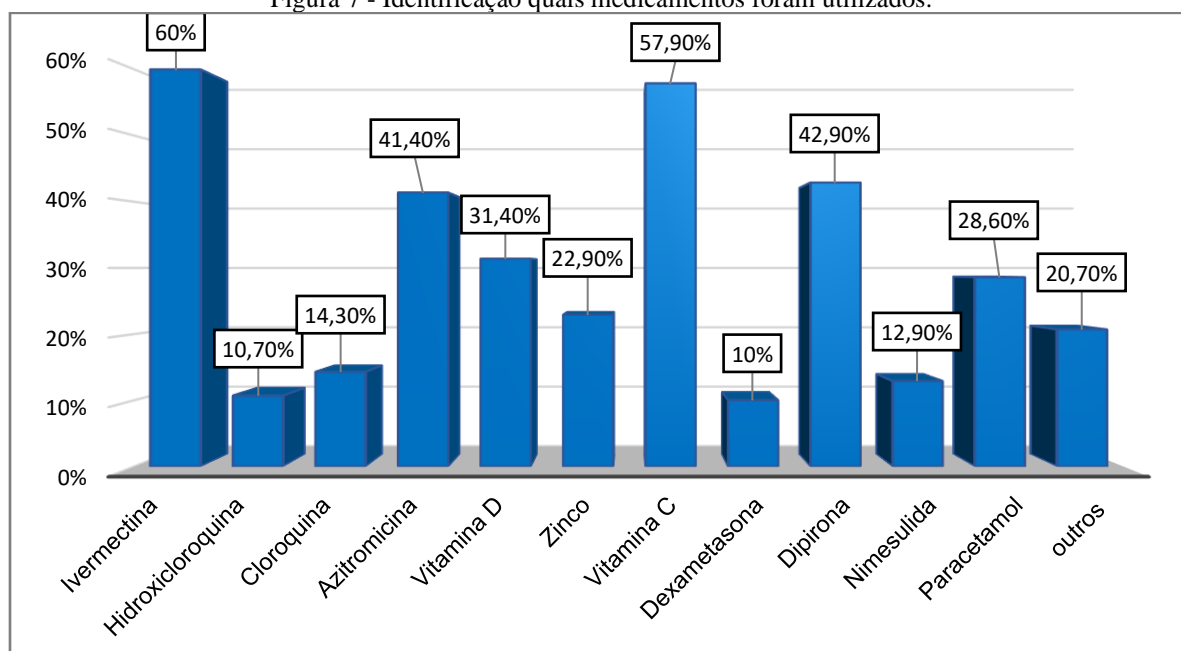
Fonte: Autores (2022)

De acordo com os entrevistados sobre grupo de risco, a maior porcentagem não possui nenhuma comorbidade (85,70%), (4,3%) dos entrevistados possui asma, (3,60%) responderam que possui outro tipo de comorbidade, (2,4%) possui doença Renal crônica, (0%) síndrome de down, (2,10%) Hipertensão, (1,5%) Imunossuprimidos, (1,40%) obesidade, (1,40%) Doença pulmonar, com a mesma porcentagem de (0,70%) Idosos, diabéticos e gestantes e com (0,2%) Imunossuprimidos. Xavier (2021), expôs em seu trabalho que a automedicação é um problema dominante entre os idosos e a abordagem sobre os fatores de riscos associados à prática nesta população é escassa.

O risco de contaminação pelo vírus da covid - 19 é existente em toda a população, no entanto, há fatores de risco entre os indivíduos que os tornam mais propensos ao desenvolvimento do quadro grave da COVID-19, entre eles, pacientes com doenças renais e hepáticas crônicas, doenças cardiovasculares, diabetes e doenças pulmonares (ALVES *et al.*, 2021).

5.4 APONTAR AS CLASSES DE MEDICAMENTOS MAIS UTILIZADOS PELOS UNIVERSITÁRIOS NO TRATAMENTO DA COVID – 19

Figura 7 - Identificação quais medicamentos foram utilizados:

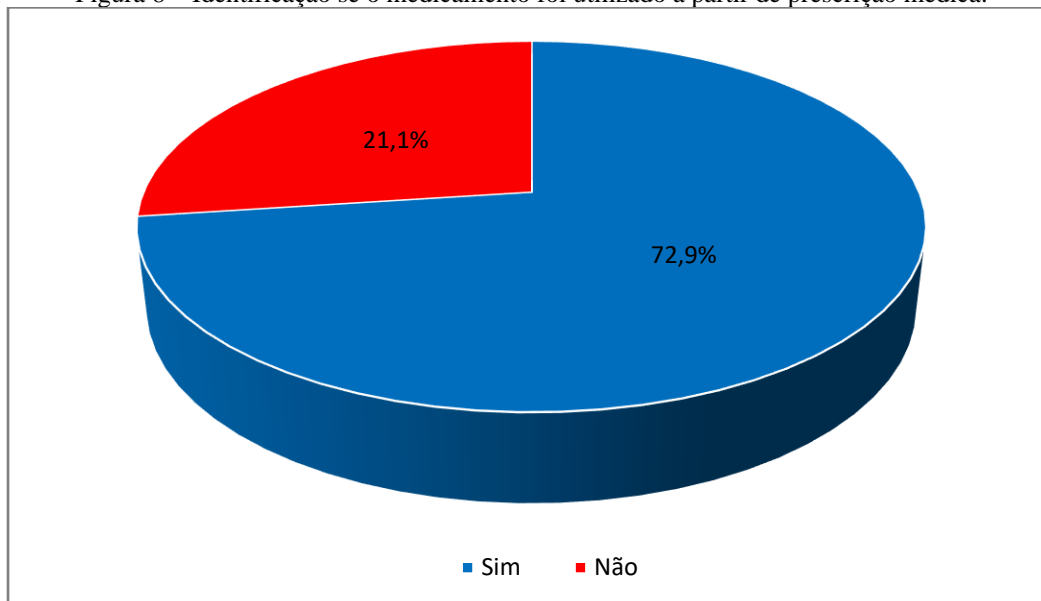


Fonte: Autores (2022)

Em relação ao perfil medicamentoso apresentado pelos participantes do estudo observa dentre os medicamentos listados no questionário, a mais utilizada por automedicação foi a Ivermectina apresentando um percentual de (60%), em seguida a Vitamina C com um percentual de (57,9%), Dipirona (42,9%), Azitromicina (41,4%), Paracetamol (28,6%), Zinco (22,9%), Cloroquina (14,3%), Nimesulida (12,9%), Hidroxicloroquina (10,7%), Dexametasona (10%) e outros (20,7%).

Segundo o Conselho Federal de Farmácia (CFF) (2021), vale ressaltar que o número de vendas dos medicamentos que integravam o “Kit Covid”, mais que dobraram do primeiro ano de pandemia (2020) comparado ao ano interior. O consumo de hidroxicloroquina que em 2019 era de 963 mil em todo país, passou para 2 milhões no ano seguinte, tendo crescimento de 113%. Já a Ivermectina possuía vendas de aproximadamente 8,1 milhões no ano anterior, ampliando para mais de 53 milhões vendas no primeiro ano de pandemia, possuindo crescimento de 557%.

Figura 8 – Identificação se o medicamento foi utilizado a partir de prescrição médica:

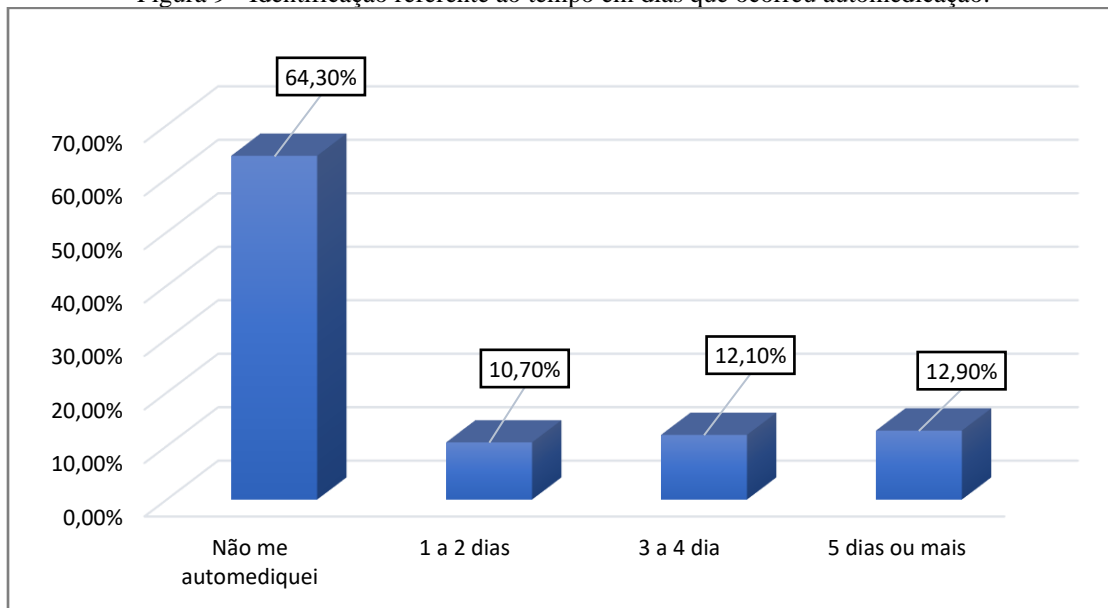


Fonte: Autores (2022)

Conforme observado na figura (8) em relação a utilizar medicamentos a partir de prescrição médica (72,9%) responderam que sim, e (21,1%) não foi a partir de prescrição médica.

Através do farmacêutico na atenção aos problemas de saúde autolimitados e na prescrição de medicamentos reduzirá a demanda pelos serviços de atenção primária à saúde, contribuindo para ampliar o tempo para atendimento médico em condições clínicas mais complexas. Além disso, irá colaborar para a transformação da farmácia/drogaria em estabelecimento de saúde e do farmacêutico em profissional centrado no paciente. A consulta e prescrição farmacêutica introduzirão uma nova rotina de aconselhamento farmacêutico e abrirão caminho para a prestação de outros serviços farmacêuticos, tais como o acompanhamento do paciente (MARTINS, 2019).

Figura 9 - Identificação referente ao tempo em dias que ocorreu automedicação:

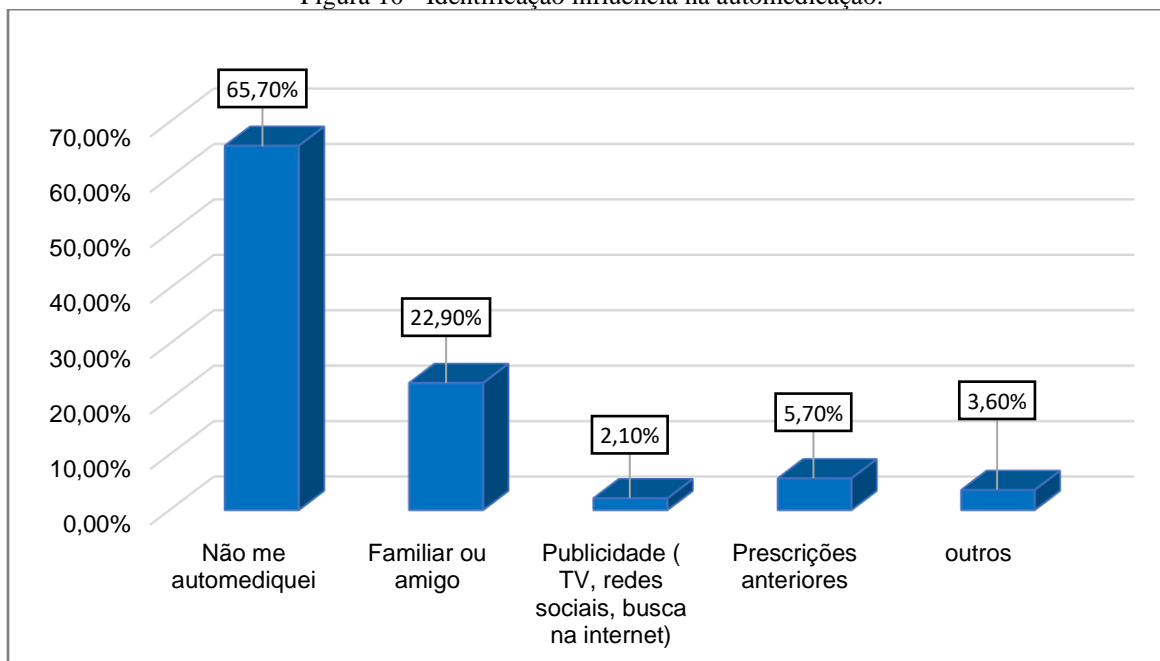


Fonte: Autores (2022)

Observou que (64,30%) não se automedicaram, (12,90%) fez o uso dos medicamentos 05 dias ou mais, (12,10%) utilizaram de 03 à 04 dias e (10,70%) usou por 01 à 02 dias.

Os erros referentes à medicação são constantes, pois por vezes são feitas em grandes dosagens, e em alguns casos não condizem com o tratamento. Além disso, ocorre o uso inadequado em tomar os medicamentos em horários inapropriados ou não seguindo o tempo de tratamento, não entendendo que possam existir as interações (SILVA, 2022).

Figura 10 - Identificação influência na automedicação:



Fonte: Autores (2022)



Em relação a influência na automedicação (22,90%) responderam que foi influenciado por um familiar ou amigo, (5,70%) se automedicou através de prescrições anteriores e (3,60%) respondeu que foi por outros motivos.

No meio familiar, as condições que contornam a cultura da automedicação estão geralmente atreladas a comportamentos baseados em “achismos”, que são influenciados pelos indivíduos do próprio lar, vizinhos, internet e propagandas de televisão. Dessa forma, a automedicação é praticada pelo compartilhamento de medicamentos por familiares, reutilização de medicamentos de tratamentos antigos e reutilização de prescrições médicas (DE MELO NUNES, VILELA e DE PAIXAO SEIQUEIRA, 2022).

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa avaliou os riscos da automedicação em tempos de Covid -19 dentre estudantes universitários de um município localizado na Amazônia legal, no qual foi possível identificar que a maior parte dos acadêmicos entrevistados eram do sexo feminino, com idades entre 17 – 20 anos, solteiras e que a maioria não apresentava nenhuma enfermidade, descritas no questionário.

O índice de automedicação entre os universitários foi de (72,9%). Dos medicamentos citados no questionário a Ivermectina foi a mais utilizada durante a Pandemia da covid – 19, seguida da Vitamina C e Azitromicina. As classes mais citadas pelos acadêmicos foram Analgésicos, Vitaminas, Antiinflamatórios e Antialérgicos.

Em relação a utilização dos medicamentos a partir de prescrição médica ou de um profissional habilitado, (51,4%) responderam que foi a partir da prescrição médica e (23,6%) responderam que não foi a partir da prescrição médica. A maioria respondeu que fez o uso das medições por 05 dias ou mais (12,9%), seguida de 03 a 04 dias (12,1%) e 01 a 02 dias (10,7%).

De acordo com as respostas dos pesquisados sobre os motivos que justificam a automedicação no caso de confirmação ou suspeita da Covid-19 ou sintomas de síndrome gripal foi possível identificar que a (63,60%) alegaram que não se automedicaram, em seguida (23,60%) o motivo de sintomas simples, (12,90%) responderam pela facilidade na compra dos medicamentos, (12,10%) foi pela prevenção contra a infecção da COVID – 19, (7,10%) disseram que foi por outros motivos, (2,90%) responderam que o motivo foi pela confiança na divulgação feita pelas mídias e (0,70%) disseram que foi pela dificuldade de acesso aos sistemas de saúde.

Mediante o exposto, a prática da automedicação tem como a principal consequência o uso irracional de medicamentos, que leva a intoxicações, a baixa resolutividade dos tratamentos, uso abusivo e ainda, a necessidade de tratamentos mais complexos.



Assim, com o intuito de reverter este quadro, se faz necessário a incorporação de práticas educativas entre estudantes quanto ao uso correto dos medicamentos, riscos envolvidos, benefícios, superdosagem, intoxicações e reações adversas.



REFERÊNCIAS

- Al - Quteimat, O. & Amer, A. M. (2021). SARS – CoV - 2 outbreak: How can pharmacists help? *Res Social Adm Pharm*, 17(2), 480 – 482.
- ALBUQUERQUE, Larissa Mayara Aristóteles de et al. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). *Revista Medicina & Pesquisa*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.39-50, jul. 2015.
- ALVES, Rosangela Costa; CORDEIRO, Andreлина; CARNEIRO, Vinícius Mendes Souza. Automedicação no período da pandemia covid-19. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 10, p. 2903-2911, 2021.
- ÁLVARES, *et al.* Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos: métodos. *Rev Saude Publica*. 2017.
- AMORIM FILHO, Hyrtacides de Oliveira Lima *et al.* As atribuições clínicas do farmacêutico na diminuição dos problemas relacionados aos medicamentos frente a automedicação por medicamentos isentos de prescrição comercializados em drogarias. *Brazilian Journal of Science*, v. 1, n. 8, p. 24-32, 2022.
- ALMEIDA, Raquel da Costa; DE MIRANDA, Camila Vicente. A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO NA DISPENSAÇÃO E CONTROLE DE MEDICAMENTOS CLASSIFICADOS COMO ANTIMICROBIANOS. *Revista Saúde Multidisciplinar*, v. 7, n. 1, 2020.
- ARAÚJO, Maylane Oliveira Silva; DE CASTRO FREITAS, Rafaela Maianna Cruz. Atenção farmacêutica ao paciente idoso no uso de anti-hipertensivos *Pharmaceutical attention to the elderly patient using. Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 6, p. 43983-44001, 2022.
- BRASIL. Conselho Federal de Farmácia (CFF) (2021). Venda de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid dispara. Brasília-Ministério da Saúde.
- BOHOMOL, E.; ANDRADE, C. M. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 19, 2020.
- CAMPOS, Ana Maria Pinheiro et al. Atenção farmacêutica na otimização da adesão do tratamento anti-hipertensivo: Revisão De Literatura. *Mostra Científica da Farmácia*, v. 6, n. 1, 2019.
- CANESCHI, Cesar A. et al. O farmacêutico na linha de frente ao combate a pandemia por COVID-19: medidas de prevenção adotadas pelas drogarias do centro de Ubá-MG. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, v. 3, p. 15-24, 2021.
- CARALO, Cassiano Bartoli; COLOMBI, Lucas Castro; SILVA, Thiago. AUTOMEDICAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA. *Cadernos Camilliani e-ISSN: 2594-9640*, v. 16, n. 2, p. 1197-1211, 2021.
- CARVALHO, Wellington; GUIMARÃES, Ádria Silva. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da Covid-19. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*, v. 3, 2020.
- CAVALCANTE, João Roberto et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, 2020.



COSTA, Artur Vinícius de Lima Montenegro *et al.* Avaliação do uso irracional de medicamentos por moradores de um bairro de Vitória-PE durante a pandemia do novo Coronavírus. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, p. e35211932012-e35211932012, 2022.¹

COSTA, Jonathan Silva *et al.* Automedicação. *Scientific Electronic Archives*, v. 15, n. 9, 2022.²

DA COSTA GOMES, Jhemerson; DA SILVA, Joyce Caroline Araujo; BATALHA, Sarah Suely Alves. Ocorrência de automedicação na pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, p. e308101624049-e308101624049, 2021.

DA ROCHA PITTA, Marina Galdino *et al.* Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e28101119296-e28101119296, 2021.

DE OLIVEIRA ALVIM, Haline Gérica; CARVALHO, Marivaldo Jesus Paz. A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO DO FARMACÊUTICO NO USO CORRETO DOS MEDICAMENTOS. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 2, n. 4, p. 172-179, 2019.

DE OLIVEIRA, Francielma Santana. Orientação farmacêutica frente ao uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs): uma revisão de literatura. 2021.

DE MELO NUNES, Allyson Leonardo; VILELA, Sávio Silvestre; DA PAIXÃO SIQUEIRA, Lidiany. A automedicação em crianças e adolescentes através da influência parental: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 14, p. e534111436741-e534111436741, 2022.

DOMINGUES, Maria Paula Santos *et al.* Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. *Visão Acadêmica*, v. 18, n. 2, 2017.

DO NASCIMENTO, Ana Miquelle Neves; FERNANDES, Vitória Rachel Soares; RODRIGUES, Gessenildo Pereira. *Riscos da Automedicação na Terceira Idade*, 2020.

DOS SANTOS MIRANDA, Jackeline; MARQUES, Jessica Ferreira Bezerra; DOS SANTOS, Walquiria Lene. Papel do farmacêutico frente à pandemia de Covid-19. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 5, n. 10, p. 124-135, 2022.

FARIAS, LARISSA. IMPACTO DOS SERVIÇOS FARMACÊUTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO DE PARNAMIRIM/RN: PERCEPÇÃO DOS FARMACÊUTICOS. 2022.

FERREIRA, Isabella Silva; DE CARVALHO, Ciro José Sousa. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 47642-47652, 2021.

FERREIRA, Hanna; RIBEIRO, Bruno. *OS PERIGOS DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL*. 2020.

FRANCISCA DAS CHAGAS, G. Ferreira *et al.* O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. *Brazilian Applied Science Review*, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.

FURLAN, Leonardo; CAMELI, Bruno. A lamentável história do “Kit Covid” e do “Tratamento Precoce da Covid-19” no Brasil. *The Lancet Regional Health–Americas*, v. 4, 2021.



GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, 2012

GALATO F et al. Desenvolvimento e validação de pictogramas para o uso correto de medicamentos: Descrição de um estudo-piloto. *Acta Farmaceutica Bonaerense*, 25: 131–138, 2006.

GAMA, A. S. M. and SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Rev. Gaúcha Enferm.* [online]. 2017, vol.38, n.1, e65111.

GOMES¹, Alan Hílame Diniz et al. Riscos da automedicação na pandemia por Covid-19: o dilema entre informações midiáticas e científicas. Copyright© Editora Amplla Editor Chefe: Leonardo Pereira Tavares, p. 40, 2020.

JUNIOR, Vanilson Silva Costa; DE OLIVEIRA, Ana Livia Rodrigues; AMORIM, Aline Teixeira. Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 8, p. e11011830678-e11011830678, 2022.

Liu, S., Luo, P., Tang, M., Hu, Q., Polidoro, J. P., Sun, S. & Gong, Z.(2020). Providing pharmacy services during the coronavirus pandemia c.*Int J Clin Pharm*, 42(2):299 - 304.

LISBOA, Lucas A. et al. A disseminação da desinformação promovida por líderes estatais na pandemia da COVID-19. In: *Anais do I Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade*. SBC, 2020. p. 114-121.

LOPES, Alzira Das Mercês; DA MATA, Liliane Cunha Campos. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete lagoas/MG. *Revista brasileira de ciências da vida*, v. 5, n. 1, 2017.

MARTINS, Leonardo de Paula. Critérios racionais que orientem a prescrição farmacêutica de medicamentos isentos de prescrição. *Pós-Graduação em Ciência da Saúde*, 2019.

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, 2021.

NEDEL, Wagner Luís; ANTÔNIO, Ana Carolina Peçanha; FILHO, Edison Moraes Rodrigues. Estratégias terapêuticas falhas na Covid-19 por que o uso de “kit-Covid” ou “tratamento precoce” é ajustado e não se justifica. *Revista da AMRIGS* , v. 65, n. 1, pág. 115-122, 2021.

Onchonga D. (2020). A Google Trends study on the interest in self- medication during the 2019 novel coronavirus (COVID -19) disease pandemic. *Saudi Pharm J*,28, 903 -904.

PASSOS, Amanda Rodrigues et al. A IMPORTANCIA DA ATENÇÃO FARMACÊUTICA NA PREVENÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO. 2020.

PIMENTEL, J. B. R. .; ANDRADE, L. G. de . A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO DIANTE DA AUTOMEDICAÇÃO FEITA POR IDOSOS. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.]*, v. 8, n. 4, p. 1554–1568, 2022.



SOTERIO, Karine Azeredo; SANTOS, Marlise Araújo dos. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. 2016. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Farmácia, Faculdade de Farmácia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016.

SILVA, Jéssica Pacheco da; BATISTA, Larissa de Oliveira de. Impactos da automedicação em tempos de pandemia COVID-19. 2020.

SILVA, Carine Viana. Pictogramas no processo de cuidado farmacêutico. Tópicos em Ciências da Saúde Volume 26, p. 37. 2015.

SILVA, Carola Elisama da. Atenção farmacêutica e os cuidados na administração de medicamentos homeopáticos. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Bianca. O cuidado farmacêutico com a automedicação durante a pandemia: Uma revisão da literatura. 2022.

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. Revista da Graduação, v. 9, n. 2, 2016.

TEIXEIRA, Matheus de Jesus. Perfil de utilização de medicamentos durante a pandemia do covid-19 por profissionais da equipe multidisciplinar de um hospital do município de Santo Antônio de Jesus, BA. 2022.

WIESE, LUIZ et al. Projeto de Extensão riscos da automedicação: relato de experiências em educação em saúde. Extensão Tecnológica: Revista De Extensão Do Instituto Federal Catarinense, v. 7, n. 13, p. 64-88, 2020.

XAVIER, Mateus Silva et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.